

FMI aprova o Cruzado, mas aponta distorções

NOVA YORK — A direção do Fundo Monetário Internacional (FMI), em reunião durante todo o dia de ontem, resolveu dar um parecer positivo mais discreto ao plano de reajuste da economia do Brasil. Segundo uma fonte bancária, o tom do relatório e do telex enviado pelo FMI ao Clube de Paris foi de "um otimismo sóbrio".

"Apoiamos o Plano Cruzado e suas correções, mas existe uma distorção nos preços dos produtos no Brasil, por causa do congelamento de alguns produtos e alguns preços continuam atualizados no combate à inflação, mas outros preços estão desatualizados. Isso causa distorções que se refletem em toda a economia brasileira", disse a fonte que participou da reunião com o diretor-gerente do FMI Jacques de Larosière.

Apesar de apoiar o Plano Cruzado, o FMI, através do artigo 4º de sua carta, fez algumas ressalvas às consequências do Plano Cruzado na eco-

nomia brasileira e alerta com certo dramatismo para a "queda da balança comercial brasileira, de superávit de US\$ 1 bilhão por mês para pouco mais de US\$ 200 milhões. Isso também vem acompanhando um outro fator tão ou mais perigoso para a economia brasileira que é a falta total de novos investimentos, havendo realmente um desinvestimento do Brasil com remessas de lucros por multinacionais que só estão reinvestindo lucros e não novos capitais".

O parecer positivo irá ajudar a posição brasileira nas negociações com o Clube de Paris na próxima semana, mas não se sabe se será suficiente, já que as ressalvas do parecer são muitas. Uma delas diz ainda que "continua excessiva a demanda na economia nacional. E o superávit continuará baixo enquanto o governo Sarney mantiver uma taxa de câmbio irreal e insustentável como a atual".

As conclusões da direção do FMI

não causaram surpresa a quem acompanha a situação da dívida externa brasileira e os acontecimentos econômicos do Plano Cruzado. O que se concluiu em Washington já era sabido de antemão pelos banqueiros credores do Brasil em Nova York, que esperam agora a decisão do Clube de Paris para as conversações chegarem a Nova York em janeiro, quando o Brasil irá pedir dinheiro novo para 1987. Também não surpreendeu os banqueiros que o Brasil teve uma oposição ferrenha na reunião do FMI dos governos americano e inglês. O que surpreenderia favoravelmente os banqueiros credores é se o Clube de Paris se satisfizesse com este relatório e concordasse com um acordo com o Brasil. Isso não só abriria o caminho para os créditos de governo em Paris, como melhores condições de negociação em Nova York daqui a um mês. Mas o sóbrio otimismo de Washington não chegou ainda a Nova York. (Agência Globo)